

CB
29/12/97
941

Aumentam os suicídios entre índios

Igreja denuncia que parte dos casos registrados como suicídio no Mato Grosso do Sul pode ser, na verdade, assassinatos

Campo Grande — A cada 15 dias, um integrante da comunidade indígena de Mato Grosso do Sul é encontrado morto, com suspeitas de suicídio. Esse fenômeno se repete há 11 anos e se agrava nos meses de novembro e dezembro, segundo dados divulgados pela revista *Porque os Guarani e Kaiová se Suicidam*, publicada este mês pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi). De 1986 até agora, foram registradas 158 mortes, a maioria por enforcamento.

De janeiro a outubro de 1997, foram registrados 13 suicídios, mas o número subiu para 27 contando com os dois últimos meses. Segundo dados do Cimi e da Fundação Nacional do Índio (Funai), os casos aumentam em até 50% nos meses de novembro e dezembro, período em que retornam para a aldeia os índios que trabalham nas destilarias do estado. Na reserva de Dourados, onde vivem 10 mil índios, pelo menos mil trabalham fora da aldeia.

Estudiosos e líderes indígenas apontam como causas dos fenômeno a falta de terras e o alcoolismo. Mas

uma terceira hipótese foi levantada pela primeira vez, há duas semanas, pelo presidente da Funai, Sulivam Silvestre de Oliveira, que esteve no estado e exigiu mais empenho das entidades ligadas ao índio na apuração de casos registrados como suicídios, mas que podem ser crimes.

SUSPEITAS

Um dos casos que levantou suspeitas em Sulivam ocorreu este mês na aldeia Jaguapiru, em Dourados, onde um índio Kaiová, de 23 anos, foi achado enforcado em uma bananeira. A camisa que vestia estava rasgada, enrolada no pescoço e amarrada no alto da bananeira. Amigos e familiares da vítima não acreditam que uma pessoa consiga suicidar-se por asfixia amarrado a uma bananeira, pois a árvore não suportaria o peso do índio.

Os dois últimos casos foram em Caarapó, perto da reserva de Dourados. Eliseu Modesto, de 22 anos, enforcou-se amarrado a um pedaço de madeira que mantinha em seu barraco. No mesmo dia, um amigo de Modesto, Ricardo Ortiz Quevedo, de

17 anos, também foi achado morto. Segundo testemunhas, ele saiu de casa para ir ao velório do amigo, mas no caminho resolveu se enforcar em uma árvore. Tanto Modesto como Quevedo estavam desempregados e com problemas de dinheiro. Os dois casos estão sendo investigados pela polícia.

“ESTOU PREOCUPADO. VAI TER MUITA BEBIDA, BAILE, BRIGA, TIRO, SUICÍDIO, ESTUPRO”

Capitão Luciano Arévalo

O Cimi aponta casos em que os indígenas se mataram por causa da miséria. Em setembro de 1994, por exemplo, a índia guarani Matilde Ramires, de 20 anos, mãe de duas filhas, se enforcou após dizer para o pai que não agüentava mais “viver sem perspectiva”. Na época, o marido de Matilde trabalhava como cortador de cana em uma destilaria de álcool em Naviraí. Fora de casa havia então três meses, o índio não mandava dinheiro para casa e Matilde estaria passando fome com as filhas.

Atualmente, cerca de mil índios da reserva de Dourados trabalham em destilarias e ficam até seis meses

por ano fora da aldeia. Quando voltam, segundo o capitão Luciano Arévalo, da aldeia Jaguapiru, a reserva vira um caos. “Estou preocupado. Vai ter muita bebida, baile, briga, tiro, suicídio, estupro. Está chegando muito índio jovem com dinheiro do contrato. Todo ano é assim”, diz o oficial. Nos últimos

dois meses, foram registrados 14 suicídios nas reservas de Dourados e Caarapó.

Segundo a revista do Cimi — escrita por Maucir Pauletti, Ne-

reu Schneider e Otávio Mangolim — os índios não se sentem bem em falar sobre os suicídios. Os Guarani e Kaiová, os que mais se matam (das 258 mortes, 43% ocorreram em Dourados), justificam os suicídios reclamando da falta de terras, ausência de apoio governamental e brigas de casal. Também há registros de casos de jovens que sentem vergonha de ser índios. Dos 45 mil índios do Mato Grosso do Sul, 24 mil são Guarani-Kaiová, que vivem em uma área de 39 mil hectares. Eles lutam desde 1950 por outras áreas que, somadas, chegariam a 70 mil hectares.

Glauco Dettmar 21.8.97



Silvestre: empenho para apurar aparentes suicídios que podem ser crimes

Crise de aculturação

A assimilação da cultura dos brancos pelos Kaiová está por trás de vários dos casos de estupro e suicídio entre os índios. “A invasão da cultura dos brancos tem fragmentado a história do índio. A comunidade não está conseguindo levar vida de índio”, diz o ex-secretário do Cimi Antônio Brand.

O trabalho nas destilarias e em plantações de cana-de-açúcar funciona como o detonador de todo o processo. O trabalho exige que os índios abandonem as aldeias — e as mulheres — por longos períodos, quando ficam acampados nas lavouras. Depois de 30 ou 40 dias sem sexo, convivendo só entre homens — e embalados por doses de cachaça — os índios passam a so-

frer alterações no comportamento.

As aldeias Jaguapiru e Baroro, onde vivem comunidades dos guarani-kaiová e terena, parecem favelas. Os índios não vivem mais em ocas. Eles se abrigam em barracos cobertos com restos de sacos de supermercados.

As condições de saúde são as piores possíveis. Existem dois açudes, onde eles jogam lixo e até fezes. Mas é de lá que os índios retiram a água para beber, tomar banho ou para lavar roupas.

A comida é arroz pela manhã, à tarde e, às vezes, também à noite. “Quando tem, comemos galinha, mas quase sempre é só arroz”, diz a índia Elza Duarte, 49 anos, mãe de um garoto que se matou aos 13.